





# POKER FACE

Glaucia Pereira

Autor: Glaucia Pereira

Capa: Pamella Mendes

Revisão: Ana Paula Anderson/ Glaucia Pereira

ISBN:

Ano: 2013/2014.

**Para minha mãe.**

## SUMÁRIO

A PRIMEIRA IMPRESSÃO - 7

UMA SEGUNDA CHANCE - 60

A HORA DA VERDADE - 79

TIME EM CAMPO - 119

REFORÇO - 144

ORIGEM – 170

O DESPERTAR DE UM PESADELO 215

SOB NOVO COMANDO: POR BEATRIZ MENDES -  
252

POR LUCIANO MENDES - 263

UMA NOVA ÓTICA: ANDRÉ RIZZI - 271

UM DÉJÀ VU PARA HAYDEN SULLIVAN - 280

HORA DE ACORDAR, CRISTINA! - 302

HAYDEN SULLIVAN, E SEUS BRINQUEDINHOS -  
310

A ESTRATÉGIA DE BEATRIZ - 314

O RESGATE: POR CRISTINA BATISTA - 321

UMA PAUSA OBRIGATÓRIA: POR BEATRIZ  
MENDES - 329

QUANDO O PASSADO BATE A SUA PORTA: POR  
CRISTINA BATISTA - 334

UM INVENTÁRIO E ALGUMAS REVELAÇÕES - 363

ALGUNS DIAS DE FÉRIAS E UM RECOMEÇO - 375

## A PRIMEIRA IMPRESSÃO

Acordo sobressaltada pelo pesadelo, mas não me lembro de nada. Não sei nem mesmo o meu nome. Tudo que sinto é o desespero deixado pelo sonho ruim, o suor frio, e o grito preso na garganta. À medida que meu coração se acalma eu me lembro quem sou: Cristina Batista, filha do doutor Ricardo Batista, oncologista de renome, primeiro nome na lista dos pacientes em todo o país - isto é, para aqueles que podem pagar, claro! - Sinto um gosto amargo já conhecido, é o desgosto sobre minha história. Meu pai não foi sempre assim, ele costumava ser um homem bom e honrado, eu sei que sou a responsável pela sua mudança.

Levanto da cama e vou ao banheiro para lavar o rosto. Fico encarando meu reflexo no espelho. Tenho a pele morena, cabelos castanhos escuros e traços marcantes, costumo dizer que tudo no meu rosto é grande: nariz, boca, olhos. Não sou a rainha da beleza, mas também não assusto ninguém. Mesmo com a minha pele jambo, sou meio pálida, palidez de escritório.

Vou à cozinha buscar um copo d'água, tudo silencioso. Esta é a minha hora favorita: 3h! Enquanto bebo minha água penso em todas as histórias de terror lidas e filmes assistidos, existe sempre a coincidência do horário, sempre entre 3h, 3h15, 3h30.

Um barulho estrondoso me tira do devaneio, como se algo tivesse sido jogado no chão, mas isso não me assusta, ao chegar à sala encontro o vaso no chão ainda rolando com uma trilha de água e margaridas, minhas flores favoritas, claro que os meus gatos são os responsáveis pela bagunça. Irineu e Nair são irmãos, e foram adotados já adultos, há 5 anos. Agora eles estão com 8 anos, mas isso não os tornou mais comportados. Olho a bagunça e dou um sorriso, não adianta, eles são incorrigíveis. Enquanto limpo a bagunça tento lembrar do sonho, o pânico já se dissipou, mas a sensação de familiaridade com aquela agonia não. E nada acontece! Eu não me recordo do sonho, então resolvo voltar a dormir, pois terei de levantar daqui a poucas horas para iniciar meu dia.

Acordo as 6h, e a gata Nair está deitada na lateral do meu corpo, tiro-a com cuidado, me visto pondo calça leasing e camiseta regata, ao chegar à cozinha tomo meu café da manhã, iogurte zero, torrada com ricota e um café preto para acordar de vez. Vou direto para academia a duas quadras de casa, retorno às 8h, tomo banho, me arrumo e vou para agência de publicidade onde trabalho a três estações de metrô de distância. No caminho mantenho minha rotina, penso que preciso sair da casa do meu pai. Em seguida me lembro de tudo que me faz permanecer lá, tudo isso em apenas 5 minutos.

Trabalho na agência Premium, localizada na Avenida Paulista, um dos principais polos de negócios da cidade de São Paulo, a mais importante capital do Brasil.

Ao atravessar as portas de vidro cumprimento Andréia, a linda loira que trabalha na recepção. Ela me diz que o diretor de criação está na minha sala há 15 minutos. Solto um suspiro imaginando que o dia não será bom:

- Bom dia André, tudo bem?

- Olá Cristina, na verdade não. Não recebi o orçamento de material para campanha de fidelização dos cimentos Souza.

- Sinto muito, posso re enviá-los agora mesmo.

- Por favor, faça isso... e, Cristina? Espero que isto não se repita, sim? Eu precisava desta informação ontem.

- Claro André, por gentileza, você pode me informar quando não receber algo solicitado? O e-mail foi passado ontem à tarde e supus que havia recebido porque houve a confirmação de entrega, mas acredito que estes programas não são 100% seguros. Da próxima vez te dou uma ligadinha pra confirmar!

André faz uma cara de constrangido, mas se recupera rapidamente.

- Combinado Cristina, estou na minha sala, pode checar com a equipe e me passar o status atual dos *jobs* antes do almoço?

- Pode deixar André, assim que conseguir falar com toda equipe eu te atualizo sobre os *jobs*.

- Combinado! – André voltou para sua sala sem graça, ele sabe que deu um fora. Só queria pegar no meu pé, por algum motivo que não entendo, a minha existência parece incomodá-lo. Droga! Tenho que melhorar a minha imagem com esse cara. Não posso perder esse emprego.

O dia passou rápido, é sempre assim na agência, quando olho novamente já são 18h30, eu deveria ter saído há 30 minutos, mas não sou a única ainda ali, quando estou chegando à porta de vidro da recepção já vazia encontro André, ele parece que gostaria de encontrar um buraco para se enfiar dentro, está muito constrangido.

- Boa noite André, bom fim de semana pra você.

- Cristina... – silêncio – Queria pedir desculpas por hoje de manhã, acho que fui meio grosso com você.

- Não se preocupe, eu não sou de vidro...

- Ainda assim eu quero me desculpar, eu recebi seu e-mail com o arquivo e apaguei sem perceber, foi uma falha minha, não tem desculpas, a nossa correria

diária não pode ser usada como desculpa para ser grosseiro com os outros.

- Relaxa. Tá tudo certo, ok? – Abro um sorriso simpático, preciso aproveitar a oportunidade.

- Posso te dar uma carona?

- Hum, sinceramente? Vou chegar mais rápido se for de metrô, neste horário a Paulista está um inferno. – Será que eu fui simpática demais? Eu pergunto a mim mesma.

- Isso é verdade, mas veja o lado bom, podemos conversar e tirar a má impressão!

- André, tá tudo bem, não há má impressão, não da minha parte! – Ok! Usar o sentimento de culpa a meu favor também é uma boa estratégia!

- Ok, me rendo! Há da minha parte. Por favor? Já sei! Vamos tomar um chopp e, quando o trânsito melhorar, eu te dou aquela carona.

- Lei seca? – Eu digo. Ele suspira.

- Puxa! Você não é fácil mesmo!!! – e sorri – É só um *happy hour* entre colegas que trabalharam até mais tarde numa sexta-feira! Provavelmente vamos encontrar o pessoal daqui! Que tal?

- Ok, ok! Vamos lá!

Ao chegar no barzinho de preferência da galera da agência, não encontramos ninguém. O bar é simples, mas também é estiloso e aconchegante. Com decoração rústica e iluminação pálida.

- Que tal aquela mesa ali no fundo?

- Ok, pode ser! – Na verdade pensei que não seria uma boa ideia, pois faz parecer que estávamos nos escondendo, mas fiquei sem graça de dizer isso e ele me achar pretensiosa.

- Deixe-me ajudá-la – Ele puxa a cadeira pra mim, depois se senta – Por favor, 2 choppes! – Ele diz ao garçom, depois olha pra mim e acrescenta: - Quer pedir algo mais? Ou outra coisa?

- Não, o chopp está ótimo! – E o silêncio domina o ambiente. Fico tentando pensar em algo para dizer, que preencha o silêncio constrangedor – Como foi a sua semana, André?

- Meio maluca, muito trabalho, muita cobrança, muita reflexão, o de sempre. Acho que para o atendimento não é muito diferente, às vezes pior? Embora vocês às vezes nos peçam algumas peças como se estivessem pedindo um pastel: “carne com queijo, por favor”, ou “por que tá demorando tanto? É só um pastel!” – E dá aquele sorriso fofo e irresistível. O André é um dos diretores mais jovens da agência, além de talentoso e inteligente é extremamente lindo, alto com seus 1,90m. Olhos castanhos, cabelo castanho, corpo

definido, mas sem exageros e, claro, a clássica palidez de escritório, afinal, somos paulistanos e aqui geralmente não importa a cor, você é pálido! Sorrio.

- Como se vocês não fizessem o mesmo: “Por favor, precisamos cotar o preço deste material. Façam 3 cotações com amostras de cada fornecedor, preciso disso até às 15h!” Isso é trabalho de produtor gráfico, sabia? – Sorrio – Mas você tem razão. É isso! A rotina é difícil, tem que ser muito político e às vezes até se fazer de burra.

- Como assim? Qual foi a situação vexaminosa?

- Sabe o Cristiano da rede de farmácias do Rio? – Ele faz sim com a cabeça – Então, ele vive querendo marcar nossas reuniões de apresentação de campanhas ou mesmo de briefing para sexta-feira, assim posso passar o fim de semana no Rio. Ele quer me mostrar a cidade. Pra fugir coloquei a culpa na agência, que não arcaria com os custos, e ele gentilmente me convidou para ficar hospedada na casa dele!

- Como você fugiu disso?

- Dei uma de louca! Falei que era uma ótima ideia porque minha tia adora o Rio e nunca mais foi, então, se economizássemos na estadia, eu poderia bancar sua passagem. E ela iria comigo.

- E por que você não disse simplesmente que tem um apartamento em Copacabana? - Silêncio

-...Como você sabe disso?

- Desculpe, Cris! Posso te chamar assim? Todo mundo sabe quem é o seu pai! – Mais silêncio.

- O Mauricio sabe quem é o meu pai?

- Acho que você sabe a resposta.

- Inferno! Ele tá sempre se metendo... desculpe! Nem sei como chegamos neste assunto.

- Assédio, estávamos falando sobre o assédio do Cristiano – Um sorriso maldoso brinca em seus lábios – É aquele cara meio gordinho e desajeitado, certo? – Seu sorriso aumenta. Ele está tentando aliviar a tensão e acaba conseguindo.

- É ele mesmo! Jesus! Não sei o que fiz pra merecer isso!

- Rótulos! Eles são uma merda! Todo mundo rotula que o atendimento das agências são feitos por vadias! Algumas são, mas tem mais a ver com a pessoa do que com a função.

- É, acho que está certo! Rótulos são uma merda! – E um novo silêncio se instalou, mas dessa vez não foi desagradável. Ao contrário, eu estava me sentindo à vontade com a companhia do André, o que era uma novidade. Tenho uma melhor amiga, mas ela casou. Então resolvi dar uma folga pra ela, nos vemos bem menos do que o habitual, no começo do seu casamento chegamos a nos afastar bastante, mas

acho que encontramos o equilíbrio. No quinto chopp eu me manifesto:

- Este é a “saideira”, André, pra alguém que vai dirigir você já bebeu demais. Deveria pegar um táxi.

- É! Tô pensando em fazer isso, mas tenho dó, porque vai dar uma boa grana daqui até em casa, mas tudo bem!

- Você é um diretor! Grana não é problema! Onde você mora?

- São Caetano do Sul.

- O quê? Cê é louco? Vai dar uma pequena fortuna! Deixa eu pensar... droga! Se eu não tivesse bebido...

- Você me levaria e então eu teria de trazê-la de volta, não ia dar certo.

- Já sei... – silêncio e desta vez constrangedor -...eu moro aqui perto. Podemos ir para lá, eu faço um café, uma janta, acho que vai ajudar a passar o efeito do álcool. Dando certo você vai embora, mas se perceber que não melhorou dorme lá em casa. Temos 2 quartos de hóspedes.

- Temos? Você é casada? – E procura minha mão esquerda que não está à vista.

- Não! Eu não sou casada, mas eu moro com meu pai – coro de vergonha – Sabe como é! Filha única, chantagem emocional, culpa... – cale-se, grito comigo

mesma. Por que estou falando isso? E principalmente, por que estou convidando este cara do trabalho para dormir na minha casa? Não somos amigos e é a primeira vez que trocamos mais que meia dúzia de palavras –...não sei por que disse isso... fique à vontade para recusar a oferta se não estiver a fim, não consegui pensar em mais nada – Fique quieta, grito de novo, cada hora parece mais que você está se oferecendo.

- Não, tudo bem, eu agradeço e aceito o convite. Seu pai não se importa que você leve... amigos para casa?

- Bem, eu não tenho o hábito de levar “amigos” para casa. Além do mais, ele não aparece por lá tem uns 10 ou 11 dias. Vamos?

- Sim, é claro!

Chegando em casa, percebo o carro do meu pai na garagem.

- Maravilha! Ele está em casa.

- Cristina, eu me viro, não quero arranjar problemas para você.

- Não seja bobo André, que problema você pode arranjar pra mim? Não sou uma adolescente inocente, pura e besta!

- Eu sei, jamais pensaria tal idiotice, mas pai é pai. Se vocês não se veem há tantos dias, certamente vão

querer matar a saudade sem a interferência de um estranho.

- Olha, não posso obrigá-lo a entrar, mas posso garantir que você não estará atrapalhando nenhuma confraternização!

Após hesitar, ele resolve entrar.

- Boa noite Doutor Ricardo, este é meu amigo, André – Meu pai avalia a bela espécime ao meu lado, o André é muito bonito, lembra o ator Keanu Reeves, até na palidez.

- Um amigo? Que surpresa! Nestes anos todos foram apenas você e a adorável Beatriz. Sabe rapaz, teve um momento em que até cheguei a pensar que elas eram mais do que amigas! – Um sorriso forçado.

- Claro que pensou! É difícil saber como é a relação de amigos, quando não se tem nenhum – devolvo ao meu pai.

- Bem, eu tinha uma melhor amiga... – Ele me fuzila com os olhos e essa eu perdi feio. Xeque-mate. Foi um golpe baixo. Em seguida se vira para André como se nada tivesse acontecido – Bom, foi um prazer conhecê-lo rapaz, Cristina, só vim buscar algumas trocas de roupas, tenho que voltar para Brasília, tenho alguns pacientes por lá e depois devo ir para um congresso em Los Angeles. Se precisar de algo, ligue para minha secretária, está bem? – Ele nem olha para

mim enquanto diz isso – Você me ouviu? – Agora sim ele me olha.

- Sim, eu ouvi... – E antes que eu fale qualquer coisa ele sai da cozinha deixando na bancada o seu copo de água, única prova de que a sua presença foi real e não um fruto da minha imaginação. André olha para mim.

- Uau! Me desculpe a indiscrição, mas o que foi isso aqui? – respiro fundo.

- Uma amostra do que é a minha vida.

Sirvo gelo, limão e água com gás enquanto preparo o nosso jantar. Preparo um salmão grelhado acompanhado de suflê de couve flor e arroz integral. Simples, fácil e nutritivo. Como sobremesa sirvo o bolo de maçã quentinho no qual sou viciada com sorvete de creme.

- Nossa! Você sabe conquistar um homem pelo estômago!

- Sério? Preciso começar a usar meus super poderes, então. Como se sente?

- Quer que eu vá embora?

- Não é isso! Desculpe, se quiser ficar será um prazer. Vou adorar ter companhia para variar um pouco.

- Acho que em parte entendi porque você mora com seu pai. Você não mora de fato com ele. Quantas vezes você o vê por mês?
- Sei lá, umas 2 ou 3 vezes por mês. Às vezes mais, às vezes menos. Ele deve dormir em casa apenas 1 ou 2 vezes por ano, acho que já teve ano em que não dormiu, não sei. Geralmente quando ele vai dormir aqui eu não durmo.
- Desculpe a intromissão, mas por que você ainda mora, mesmo que em tese na mesma casa que ele?
- Ele não me deixa sair. Acredite, eu já tentei.
- Eu não entendo.
- É uma longa história e não gostaria de contá-la agora, talvez um dia... sinceramente, nem entendo como iniciei este assunto. Nunca falei sobre isso com ninguém, nem mesmo com a Beatriz, se bem que... não preciso falar nada, ela é minha amiga de infância, assistiu tudo desde o início, de camarote.
- Como assim?
- Nossas mães eram amigas, do estilo que faziam tudo juntas. Ficaram até grávidas num período próximo. A Bia é apenas 3 meses mais velha do que eu. – Silêncio.
- Ok, vou pôr minha curiosidade de lado, dá pra perceber que esse assunto é muito sério e te deixa muito triste. Hoje é sexta feira, não é dia de assuntos